

## Gênero, Saúde e Escola: Um Estudo de Caso

### Gender, health and school: a case study

**Juliana Soares Dionísio**

Fundação Oswaldo Cruz  
Universidade Federal Fluminense  
Juliana.dionisio@ioc.fiocruz.br  
jujuliaquei@gmail.com  
<http://orcid.org/0000-0002-6954-8301>

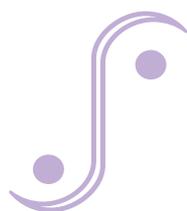
**Paulo Pires de Queiroz**

Universidade Federal Fluminense  
Fundação Oswaldo Cruz  
ppqueiroz@yahoo.com.br  
<http://orcid.org/0000-0002-0609-6424>

#### Resumo:

A definição de saúde passou a ser mais complexa ao longo dos anos, contemplando toda a magnitude da vida humana. Ao observarmos a humanidade, podemos identificar que papéis distintos são esperados de homens e mulheres, e em nossa perspectiva, acreditamos estar observando processos de submissão feminina dentro desse contexto. Nesse cenário, não tem sido poucas as mulheres a apresentarem distúrbios emocionais. Diante do exposto, questionamos de que forma as questões relacionadas ao gênero podem contribuir para elevar a incidência de problemas emocionais em uma escola básica do Rio de Janeiro? Investigamos como o poder simbólico exercido através das relações de gênero pode imprimir efeitos diferenciados nos índices de saúde emocional na escola. Para tal, visamos compreender possíveis regularidades entre os papéis socialmente atribuídos aos sexos e a incidência de doenças psíquicas no âmbito da escola. A proposta compreendeu um estudo de caso, adotando como estratégia a realização de entrevistas semiestruturadas com professores/as, funcionários/as, alunos/as; o desenvolvimento de oficinas pedagógicas; a coleta de documentos que regulam a vida dos sujeitos no campo; a observação livre e o registro em diário de campo. Como instrumento de análise foi utilizada a triangulação de dados. Os resultados apresentados apontam para uma profunda influência das questões de gênero no âmbito da escola, sem que os indivíduos participantes da pesquisa tenham clareza sobre esta ingerência. O influxo desta estrutura sobre a promoção de saúde e doença também foi identificado. Foi percebida uma significativa dificuldade na compreensão do significado do conceito de gênero e sua influência na vida como um todo. A análise dos dados indicou a necessidade de mecanismos que esclareçam, façam refletir e promovam ações que visem dirimir as desigualdades nas relações de gênero dentro dos espaços escolares, levando em conta a capacidade socializadora e emancipatória destes locais. Ademais, este estudo almejou contribuir para reflexões acadêmicas e escolares prolicuas acerca da temática.

**Palavras-chave:** Gênero; escola básica; saúde emocional; papéis de gênero.



## Abstract

The definition of health has become more complex over the years, encompassing the full magnitude of human life. As we look at humanity, we can identify which distinct roles are expected of men and women, and from our perspective we believe we are observing processes of female submission within this context. In this scenario, there have been few women with emotional disturbances. Given the above, we question how gender issues can contribute to increase the incidence of emotional problems in a basic school in Rio de Janeiro? We investigated how symbolic power exerted through gender relations can have different effects on emotional health indices at school. To this end, we aim to understand possible regularities between the roles socially attributed to the sexes and the incidence of psychic diseases in the school. The proposal comprised a case study, adopting a strategy of conducting semi-structured interviews with teachers, staff, students; the development of pedagogical workshops; the collection of documents that regulate the lives of the subjects in the field; free observation and field journaling. As an analysis instrument we used data triangulation. The results presented point to a profound influence of gender issues within the school, without the participants participating in the research being clear about this interference. The influence of this structure on health and disease promotion has also been identified. A significant difficulty was perceived in understanding the meaning of the concept of gender and its influence on life as a whole. Data analysis indicated the need for mechanisms that clarify, reflect and promote actions aimed at resolving inequalities in gender relations within school spaces, taking into account the socializing and emancipatory capacity of these places. Moreover, this study aimed to contribute to fruitful academic and school reflections on the subject.

**Keywords:** Gender; basic school; emotional health; gender roles.

## Resumen:

La definición de salud se ha vuelto más compleja a lo largo de los años, abarcando toda la magnitud de la vida humana. Al observar a la humanidad, podemos identificar qué roles distintos se esperan de hombres y mujeres, y desde nuestra perspectiva, creemos que estamos observando procesos de sumisión femenina dentro de este contexto. En este escenario, ha habido pocas mujeres con trastornos emocionales. Dado lo anterior, nos preguntamos cómo los problemas de género pueden contribuir a aumentar la incidencia de problemas emocionales en una escuela básica en Río de Janeiro. Investigamos cómo el poder simbólico ejercido a través de las relaciones de género puede tener diferentes efectos en los índices de salud emocional en la escuela. Con este fin, nuestro objetivo es comprender las posibles regularidades entre los roles socialmente atribuidos a los sexos y la incidencia de enfermedades psíquicas dentro de la escuela. La propuesta comprendió un estudio de caso, adoptando una estrategia de realizar entrevistas semiestructuradas con maestros, personal, estudiantes; el desarrollo de talleres pedagógicos; la colección de documentos que regulan la vida de los sujetos en el campo; observación gratuita y registro de campo. Como instrumento de análisis utilizamos la triangulación de datos. Los resultados presentados apuntan a una profunda influencia de los problemas de género dentro de la escuela, sin que los participantes de la investigación sean claros acerca de esta interferencia. También se ha identificado la influencia de esta estructura en la promoción de la salud y la enfermedad. Se percibió una dificultad significativa para comprender el significado del concepto de género y su influencia en la vida como un todo. El análisis de datos indicó la necesidad de mecanismos que aclaren, reflejen y promuevan acciones dirigidas a abordar las desigualdades en las relaciones de género dentro de los espacios escolares, teniendo en cuenta la capacidad de socialización y emancipación de estos lugares. Además, este estudio anhelado contribuir a fructíferas reflexiones académicas y escolares sobre el tema.

**Palabras clave:** género; escuela básica; salud emocional; Roles de género.

## Introdução

Construímos a proposta desta pesquisa a partir da trajetória de 7 anos de trabalho, de um dos dois autores, em uma escola básica da cidade do Rio de Janeiro. Este trabalho está situado na intercessão de temas de grande relevância no cenário social atual: gênero, saúde e educação. Nestes termos, esta investigação se configurou e se legitimou na tentativa de colaborar com o debate acadêmico atual.

No pós-guerra, em 1946, a Organização Mundial de Saúde- OMS- estabeleceu como 'saúde' o completo bem-estar físico, mental e social e não meramente a ausência de doença ou incapacidade num organismo específico. Debruçados sobre este conceito, nos deparamos com as questões de gênero e seu impacto na vida das pessoas. Ao observarmos a história da humanidade, podemos identificar que papéis distintos são esperados de homens e mulheres, e no caso destas últimas, devido a construções sociais e processos históricos, foi reservado um papel hierárquico inferior ao masculino. Desse modo, foram utilizadas abordagens biológicas, psicológicas, sociológicas, culturais e religiosas para fundamentar a argumentação da subjugada identidade feminina como algo intrínseco a qualquer integrante deste gênero. E o exercício desta supremacia ocorre, na maioria das vezes, tacitamente, através de mecanismos de poder simbólico que tornam a submissão feminina como socialmente "natural", "aceitável" e "desejável", até mesmo pelas próprias mulheres, como afirmam pensadores como Pierre Bourdieu, Simone de Beauvoir e vários outros. Esses processos tendem a se multiplicar no cotidiano social, inclusive nas instituições educacionais.

No âmbito da escola onde esta pesquisa se desenvolveu, observamos que no decorrer dos anos, diversos funcionários passaram a apresentar distúrbios psíquicos. No entanto, ao direcionarmos o olhar sobre a questão de forma mais minuciosa, percebemos que muitos casos de problemas emocionais desenvolvidos naquele espaço eram correlatos a funcionárias do gênero feminino. É certo que a escola está inserida em uma realidade conflituosa, onde disputas armadas pelo domínio do território são travadas constantemente entre traficantes e policiais. O colégio localiza-se em uma das comunidades com o mais alto índice de violência e vulnerabilidade social do Rio de Janeiro, sendo esta por si só, uma condição bastante propícia ao desenvolvimento de doenças emocionais e psíquicas. Entretanto, não cremos que a incidência desses tipos de moléstias sejam um fato somente atribuível ao ambiente socioespacial em que a escola se insere. Em nosso ponto de vista, a dinâmica das relações de gênero dentro da instituição, pode ter uma significativa influência nesse quadro de mal-estar.

Portanto, é a partir desta observação do vivido, que nasce a pergunta da pesquisa: de que forma as questões relacionadas ao gênero podem estar contribuindo para elevar a incidência de problemas emocionais no âmbito de uma escola básica do Rio de Janeiro? Cremos que a escola possa ser um espaço de reprodução e naturalização da submissão, que se manifesta, sistematicamente, através de mecanismos de poder simbólico que tornam a subalternização feminina como socialmente "natural", "aceitável" e "desejável", até mesmo pelas próprias mulheres. Essa dominação tem prejudicado significativamente a saúde emocional feminina no referido colégio.

Sendo assim, o empreendimento desse estudo busca analisar como o poder simbólico exercido através das relações de gênero pode imprimir efeitos diferenciados nos índices de saúde

emocional de mulheres e homens atuantes no âmbito da escola. Em específico, o trabalho mira os seguintes objetivos: (1) Identificar possíveis interferências das relações de gênero nos índices de cuidados em crises emocionais e de gerenciamento de *stress* do/na escola e (2) Descrever a dinâmica das relações de gênero tecidas no cotidiano desta unidade escolar. Nesse sentido, procuramos refletir, sob a ótica da pesquisa social, acerca de um quadro que acreditamos estar sendo vivenciado na escola básica.

## Contextualização teórica

Este trabalho está assentado sobre três grandes conceitos: Saúde, Gênero e Gênero/Educação. Discorreremos abaixo sobre as principais concepções de 'saúde' e 'doença' ao longo da história, propondo por fim, uma reflexão sobre o debate vigorado a partir da designação de 'saúde' pela Organização Mundial de Saúde- OMS, em 1946. Autores como Moacyr Scliar (2007), Naomar Filho (2000; 2011) e Georges Canguilhem (2009), serão utilizados para discutir essas transformações históricas. Em segundo, serão apresentadas as principais ideias acerca de gênero e suas implicações na divisão social do trabalho. Para este momento, serão utilizados autores como Simone de Beauvoir (1960), Pierre Bourdieu (2017; 2011), Jussara Brito (2005), Althusser (1985), Kergoat (2012). Por fim, trataremos do papel dicotômico da escola enquanto instituição socializadora e emancipatória, além de sua fundamental participação e contribuição para o debate sobre promoção de saúde a partir de questões de gênero. Para tanto, serão utilizados autores como Paulo Pires de Queiroz (2018) e Guacira Lopes Louro (2008).

## Saúde e suas concepções

A noção de saúde ganhou inúmeras configurações ao longo dos anos. Historicamente, adquiriu significados diferenciados de acordo com a cultura e costumes de determinados povos. Fatores como economia, religião, classe, dentre outros, possuíram grande relevância na designação destes termos em cada sociedade. No passado, refletir sobre saúde era apenas considerar o aspecto físico do indivíduo, e as possíveis doenças que o acometeriam neste âmbito. Com o passar dos séculos, as contribuições de inúmeros campos de saber, como a filosofia, a sociologia, a antropologia, trouxeram uma nova perspectiva sobre estas terminologias. O conceito de doença sofreu forte influência cultural e religiosa ao longo do tempo. 'Estar enfermo' representava o castigo divino por algum pecado cometido. Este dogma religioso é partilhado por inúmeras crenças, como ressalta SCLIAR (2007, p. 32) ao discorrer sobre a atividade dos xamãs em sociedades tribais. Este líder religioso era responsável- dentre outras coisas- pela expulsão de maus espíritos, que se apoderavam das pessoas, causando doenças. Outras conjunturas religiosas como o judaísmo e o cristianismo, partilhavam das mesmas crenças. O adoecimento sempre esteve relacionado à noção de pecado e de descontentamento divino. As moléstias corpóreas eram resultado do castigo de Deus por algum erro cometido. Na Grécia antiga, a questão religiosa também

exercia forte influência sobre os processos de adoecimento e cura. Inúmeros deuses estavam diretamente relacionados ao reestabelecimento da saúde. Apesar de considerarem fortemente o âmbito religioso no tratamento de doenças, os gregos utilizavam métodos naturais no combate de moléstias, através da terapia com plantas. Este fato, pode ser considerado um avanço que possibilitou novas aberturas de tratamentos, *a posteriori*.

A concepção de saúde e doença seguiu caminho paralelo no oriente, pois acreditava-se que os seres humanos eram dotados de energias, e que estas, precisavam estar em harmonia para que o corpo estivesse saudável. O desequilíbrio destas forças caracterizava a doença (SCLIAR, 2007). Nos anos aproximados de 460-377 a.C., a partir das pesquisas realizadas por Hipócrates a noção de doença foi ganhando nova configuração, passando a ser entendida como um desequilíbrio das funções do corpo. O organismo humano era enxergado como uma estrutura harmônica e fluida, e as mazelas eram o desregramento desta fluidez. Vêm dos estudos hipocráticos as primeiras referências ao meio externo como influenciador da saúde dos indivíduos, ao considerar que fatores ambientais poderiam incidir diretamente sobre o processo de adoecimento do corpo.

Ao longo dos séculos nenhum conceito sobre saúde universalmente aceito havia sido concebido. Somente após a segunda guerra mundial e a criação da Organização das Nações Unidas-ONU, e da OMS, é que saúde passou a ser designada como “o estado do mais completo bem-estar físico, mental e social e não apenas a ausência de enfermidade” (SCLYAR, 2007, p. 37; ALMEIDA FILHO, 2000). Neste mesmo período, estabeleceu-se que era do Estado a obrigação da promoção e proteção à saúde. Desde então, inúmeros debates têm sido travados sobre a inalcançabilidade desta designação. Nenhum organismo estaria em pleno estado de saúde, levando-se em conta a instabilidade das variantes internas e principalmente externas, que podem influir sobre estes. Para Canguilhem (2009), esta variabilidade de condições torna impossível o estabelecimento de um limite coletivo entre o normal e o patológico. O extremo entre estes, deve levar em conta as condições individuais de funcionamento biológico e emocional, pois o que é tolerável para uma estrutura, não necessariamente será para uma outra. Contudo, saúde perpassa pelo aumento da capacidade de resistência e adaptação ao meio, como afirma o autor (CANGUILHEM, 2009, p. 78):

*A saúde é um conjunto de seguranças e seguros (o que os alemães chamavam de Sicherungen), seguranças no presente e seguros para prevenir o futuro. Assim como há um seguro psicológico que não representa presunção, há um seguro biológico que não representa excesso, e que é saúde. A saúde é um guia regulador das possibilidades de reação. A vida está, habitualmente, aquém de suas possibilidades, porém, se necessário, mostra-se superior à sua capacidade presumida. Isso é patente nas reações de defesa do tipo inflamatório. Se a luta contra a infecção obtivesse vitória imediata, não haveria inflamação. Se as defesas orgânicas fossem imediatamente forçadas, também não haveria inflamação. Se há inflamação é porque a defesa antiinfecçiosa é, ao mesmo tempo, surpreendida e mobilizada. Estar em boa saúde é poder cair doente e se recuperar, é um luxo biológico.*

Neste contexto, podemos refletir também sobre os processos de saúde no trabalho ao pensarmos o conceito de Ergonomia da Atividade, que se designa pela *capacidade de adaptação e superação- por homens e mulheres- das condições adversas no ambiente de trabalho (BRITO; NEVES; OLIVEIRA; ROTEMBERG, 2012, p. 318)*.

Nestes termos, podemos compreender a importância do incentivo desta qualidade nos trabalhadores/as. A Ergonomia da Atividade é de fundamental importância no processo de promoção de saúde no trabalho e no espaço escolar. Além de contribuir com o amadurecimento emocional e profissional, como citado por Tóquio, auxilia no desenvolvimento de um ambiente escolar mais harmônico, enquanto que o engessamento das atividades desenvolvidas no espaço de trabalho produz um ambiente opressor e adoecedor, pois não há espaço para se pensar estratégias que ajudem a dirimir as situações adversas. Neste contexto estrutural rígido, somam-se funções não prescritas ao/a profissional, pois independentemente de estarem institucionalizadas, as situações adversas existem e exigem uma resolução, uma intervenção deste profissional, o que acaba por sobrecarregá-lo, contribuindo com o seu processo de adoecimento.

O termo saúde não pode ser pensado levando em conta apenas a concepção biológica. As influências internas e externas devem ser consideradas. Como afirmado por todos/as os/as entrevistados/as, ao serem questionados se considerariam como 'saudável' alguém que estivesse bem fisicamente, mas não emocionalmente. O conceito de saúde deve ser entendido de forma holística, de modo a refletir sobre possíveis ajustes nos mais diversos âmbitos que melhorem as condições de vida dos sujeitos (FILHO, 2011). Portanto, diante de todo o debate estabelecido em torno da designação de saúde da OMS, é que o penso como um horizonte a ser alcançado. Algo que se possa comparar ao crepúsculo visto à beira mar, de modo a estabelecer um norte, uma direção, sem necessariamente que se chegue a ela, mas que a tenha como parâmetro, como alvo, como uma meta ser alcançada (SCLYAR, 2007).

## Gênero

Na atualidade, muitas discussões têm sido travadas em torno do conceito de gênero. Termos como ideologia e identidade têm ganhado espaço em debates sobre garantia de direitos, de liberdade, igualdade e equidade. Muitas distorções têm sido divulgadas através das grandes mídias, por vezes com o intuito de calar o debate impedindo avanços na área preservando assim, a hegemonia masculina.

No imaginário popular há uma confusa noção sobre o significado do termo 'gênero' e seu influxo sobre a vida privada das pessoas. Neste contexto, a palavra está apenas relacionada à questão homossexual e às mudanças de identidade. Contudo, o conceito de gênero está atrelado aos papéis sociais diferenciados que são atribuídos a homens e mulheres, e podem impactar a saúde de ambos diversamente. Mecanismos de poder simbólico que regem, legitimam e representam as relações sociais tendem a conferir ao campo masculino, as posições e as recompensas características da autoridade, da liderança, da atividade e da criatividade (Bourdieu, 2017; Kergoat, 2009). Sobre as mulheres pesariam os papéis da subalternidade e da passividade, nos espaços doméstico e público.

Em décadas passadas, alguns campos científicos, como a Sociologia, a Antropologia e a Filosofia, já se ocupavam das prerrogativas relacionadas ao tema. Nos anos 60, ao lançar a segunda edição da obra 'O Segundo Sexo: a experiência vivida', a filósofa Simone de Beauvoir

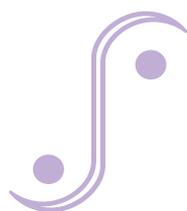
(1960a) coloca em voga temas de grande relevância social como patriarcalismo, alteridade, minorias ideológicas, dentre outros. Ela problematiza a experiência de gênero, através da frase “Ninguém nasce mulher: torna-se mulher” (1960b, p.9). Na crítica da autora, as características biológicas e físicas, típicas do sexo feminino não são determinantes para sua designação neste grupo, mas sim, o papel atribuído na coletividade- o gênero. A sociedade imbuída de preceitos patriarcais designa parâmetros sobre o que é “aceitável” e “não aceitável” para o papel instituído para a mulher. Aquelas que não se enquadram neste modelo estabelecido socialmente, são excluídas, desrespeitadas e por vezes violadas. O aparelho sexual feminino não é o suficiente para designá-las enquanto fêmeas, mas sim, e muito mais, o comportamento preestabelecido socialmente. Sabemos que o campo de debate sobre o tema se expandiu, e a frase da filósofa ganhou novas e importantes interpretações na discussão acerca da diversidade de identidades. Contudo, não podemos deixar de lado as significativas contribuições suscitadas a partir de sua perspectiva inicial. A construção da feminilidade estaria diretamente relacionada ao papel social designado à mulher, e não correlato às características biológicas.

Em sua reflexão, Beauvoir (1960a) suscita o conceito de alteridade, no qual a figura masculina assume o papel de dominação, do ser essencial, do Um; enquanto ao feminino sobra a função de inessencial, de subserviência, do Outro. A autora afirma:

*Ela [a mulher] não é senão o que o homem decide que seja; daí dizer-se o “sexo” para dizer que ela se apresenta diante do macho como um ser sexuado: para ele, a fêmea é sexo, logo ela o é absolutamente. A mulher determina-se e diferencia-se em relação ao homem e não este em relação a ela: a fêmea é o inessencial perante o essencial. O homem é o Sujeito, o Absoluto; ela é o Outro. (BEAUVOIR, 1960a, p. 10)*

A mulher estaria para o homem, como um objeto de dominação, existindo para o sexo. Seu corpo como instrumento de domínio, ‘coisa’ a ser empossada. Bourdieu, em sua análise sobre a dominação masculina, contesta a naturalização e a perpetuação destas condições de existência, considerando-as intoleráveis e inaceitáveis. Para ele, a soberania do homem se fundamenta no processo de violência simbólica, suave e invisível às próprias vítimas, que perpassa por gerações através de uma “*extraordinariamente ordinária relação social*” (BOURDIEU, 2017, p. 12). O poder simbólico exercido nas relações de dominação é aquele que se estabelece na ignorância de sua existência, contando com a cumplicidade insipiente dos que lhe estão sujeitos e dos que o exercem. Nas relações de gênero, o masculino sobrepõe-se ao feminino através desta vinculação imperceptível, o que de acordo com a visão marxista, está a desempenhar uma função política, fazendo com que os interesses de uma classe se justaponham à outra, tornando questões particulares, universais (BOURDIEU, 1989). As relações de classe se configuram, portanto, como o arcabouço onde toda a dinâmica de sujeição de um gênero para com o outro, se constitui.

Assim como Beauvoir (1970), Bourdieu evocou a construção social dos corpos, ressaltando que através de mecanismos naturalizantes e legitimantes, o masculino se superpõe ao feminino. O conceito de virilidade está diretamente associado com o “*vir, virtus, questão de honra, princípio*



*da conservação e do aumento da honra*” (BOURDIEU, 2017, p. 25), e relaciona-se com a apropriação do corpo feminino, com a potência sexual- naturalizadas como características que tornam o homem, um “homem real”. Os órgãos sexuais, femininos e masculinos, não são enxergados em um mecanismo de complementariedade, mas sim, de modo dicotômico, onde o primeiro é visto como vazio, maléfico, nefasto e o inverso do segundo. De acordo com a construção social dos gêneros, o masculino se sobrepõe ao feminino, se apodera dele e o domina. Nesta relação hegemônica, a violência contra o corpo feminino se justifica, já que este último existe a partir daquele, e para seu completo desfrute. A mulher é objetificada, coisificada, a posse de si mesma lhe é negada. Existe para servir e ser possuída pelo outro. Na dinâmica capitalista, a ela cabe o papel de reprodutora, de cuidadora, de serva, enquanto a ele, o de produtor, de dominador.

A saúde feminina pode, pois, ser resultante da contínua naturalização, por meio de práticas e imaginários sociais, de uma suposta “inferioridade” inerente à mulher e é importante problematizar como essa cadeia de fenômenos se processa na instituição escolar.

## **Gênero e Trabalho: A Divisão Sexual do Trabalho**

Reproduzir as condições de produção é quase tão importante quanto produzir (MARX apud ALTHUSSER, 1985). Garantir a subsistência da dinâmica capitalista é quase tão importante quanto a aquisição de lucro. Neste âmbito, as relações de gênero exercem papel primordial ao estabelecerem estereótipos para homens e mulheres que permitam que a estrutura de classes subsista. É fato que esta divisão de papéis não se dá exclusivamente no capitalismo, ganhando diferentes configurações em cada tecido social, contudo neste sistema, exerce posição basilar na manutenção do poder. A divisão sexual do trabalho existe em função das relações sociais de sexo. Os princípios organizadores desta, são a separação e a hierarquização. No primeiro, encontra-se incutido o valor estrutural de que homens e mulheres devem ocupar posições distintas nas relações de trabalho, em funções que sejam mais adequadas às suas “destinações biológicas”. O segundo estabelece uma hierarquia “natural” entre homens e mulheres, que acaba por refletir no campo do trabalho. Deste modo, se dá a institucionalização desses princípios.

A ideologia naturalista é o cerne deste processo. Nesta, o gênero é entendido como uma designação biológica e não uma construção social. Nessa ótica, o destino “natural” do feminino seria o cuidar, o servir, o reproduzir, sem a possibilidade de rompimento com estas funções, considerando apenas algumas modificações. Já as atividades masculinas estariam vinculadas à produção, à questões políticas, religiosas, militares e etc. Sempre relacionando-se à potência e ao domínio (KERGOAT, 2009). Nessa lógica, ao masculino estaria reservado o papel de liderança, de chefia, enquanto que ao feminino, o de assessoria, de suporte. Na esfera profissional, é corriqueiro encontrarmos uma incidência maior de mulheres em carreiras na área da educação, da enfermagem, e até telemarketing. Estes campos estariam relacionados diretamente ao “papel biológico da mulher”, como afirma Kergoat (apud BRITO; NEVES; OLIVEIRA; ROTEMBERG, 2012, p. 321):



*Ou seja, a inserção dessas mulheres no mercado de trabalho se dava em profissões que tinham (ou que passaram a ter) características similares às da esfera doméstica. Evidencia-se, assim, a condição sexuada do mercado de trabalho no qual as características consideradas próprias da “natureza feminina” são desqualificadas simbólica e economicamente a partir da concepção de que expressam apenas “qualidades” femininas (KERGOAT, 1986).*

As carreiras mencionadas vinculam-se respectivamente ao cuidado materno, ao servir o/a outro/a e à docilidade e paciência para ouvir e resolver problemas- todas características consideradas inatas às mulheres. No âmbito escolar, há uma distinção na cobrança sobre professoras e professores. Exige-se que elas tenham um melhor desempenho no trabalho, além de um exímio “domínio de turma”. Na ideologia naturalista, este fato pode ser explicado através da questão maternal, já que as professoras- por serem mulheres- estariam mais preparadas para lidar com o processo educacional e disciplinar dos/as alunos/as. A estrutura socializadora influi diretamente sobre como a mulher deve ser enxergada e quais incumbências estariam direcionadas a ela. Este mecanismo abre margem para possíveis violências e assédios nos ambientes público e privado, pois o enquadramento do feminino ao papel designado socialmente é de fundamental importância na manutenção e desenvolvimento da engrenagem capitalista.

A ausência da figura masculina no cuidado econômico e emocional da família, e a sobrecarga sobre a figura feminina é uma realidade amplamente debatida. Sobre as mulheres, inúmeras vezes, recai o sustento e manutenção- em todas as esferas- da estrutura doméstica. A falta de reconhecimento desta última atuação, enquanto atividade de trabalho vem sendo discutida há algumas décadas por inúmeros campos de saber. A associação das atividades que acontecem no lar às “qualidades inatas da mulher” impossibilita sua chancela enquanto labor, e por conseguinte, como fator a ser considerado nos processos de adoecimento das trabalhadoras. Contudo, estudos demonstram a influência do trabalho doméstico como fator relevante a ser considerado no processo de adoecimento emocional feminino.

## **Gênero/Educação: o papel da escola**

A sociedade capitalista, para atender aos interesses da classe dominante, estabelece e normatiza comportamentos para os sexos. Ela dita o que seria “apropriado” para homens e mulheres e se utiliza de instituições como igreja, escola, família para alcançar seu propósito.

Na sociologia da educação, diversos autores refletem sobre os processos de manutenção do poder e reprodução das desigualdades sociais através da escola. Esta, deveria existir como um mecanismo de emancipação do indivíduo, possibilitando sua ascensão social e intelectual. Entretanto, através de um sistema complexo de exclusão, as classes privilegiadas perpetuam seu domínio, utilizando-se também das relações de gênero, como modo de estabelecer a hegemonia do masculino, através da vinculação imperceptível no processo de violência simbólica solidificado pelo sistema escolar e demais instituições sociais. Conforme afirma Louro (2008, p. 20):

*A voz que ali se fizera ouvir, até então, havia sido a do homem branco heterossexual. Ao longo da história, essa voz falara de um modo quase incontestável. Construíra representações sociais que tiveram importantes efeitos de verdade sobre todos os demais.*

Entretanto, apesar de sua utilização como instrumento de aprisionamento e 'docilização', a escola preserva ainda, sua capacidade de resistência. Ao evocarmos teorias como a educação multicultural, fornecemos o aporte para que esta "nova" escola seja estruturada. Pensar uma educação multicultural é pensar uma escola onde as diferenças não apenas coexistem, mas onde são necessárias para a construção de espaços de inclusão. Esta escola, objetiva fortalecer a comunidade, oportunizando a exploração das diferenças, de modo que a diversidade do cotidiano escolar se desenvolva de forma segura e protegida. Alunos e alunas devem encontrar um espaço propício para o reconhecimento e aceitação das diferenças, de modo a contribuir com a desconstrução de arquétipos, e com a interação e compreensão das especificidades do sexo oposto (QUEIROZ, 2018). Na multiculturalidade, o valor máximo a ser pensado é o da igualdade. Todos e todas possuem os mesmos direitos e se reconhecem enquanto cidadãos e cidadãs. As diferenças são a base para a construção da escola inclusiva, que *a posteriori*, contribuirá para a formação de um corpo social mais equânime e cooperativo.

A escola deve ser enxergada de modo distinto, como um mecanismo conscientizador de seus agentes – alunos, professores, comunidade escolar – para a construção de uma sociedade distinta e mais igualitária, possibilitando uma real transformação na vida de todos. A questão está para além do êxito escolar do aluno, mas se trata de uma intervenção no mundo, e principalmente, da participação do coletivo na elaboração de uma realidade equânime, onde todos e todas possam ser respeitados e respeitadas em suas diferenças, contribuindo assim com a edificação de uma sociedade onde a diversidade torne-se mais a norma do que a exceção (QUEIROZ, 2018).

## Metodologia da Pesquisa

De acordo com Maria Cecília de Souza Minayo (1993), as estruturas sociais são ações objetivadas na medida em que os sujeitos, os grupos e as sociedades dão significado e intencionalidade as suas ações construindo em conjunto com o investigador o trabalho intelectual. Sendo o objeto de estudo das Ciências Sociais, a realidade social, a dinâmica que rege a vida em coletivo e as riquezas de significados que dela emergem, Minayo levanta três importantes questões a respeito da pesquisa social. A primeira delas é a possibilidade de que o investigador trate de uma realidade na qual está inserido; a segunda, até que ponto a objetivação das ciências naturais não prejudica a subjetividade das questões sociais; e a terceira, qual método seria mais adequado para estudar a diversidade humana em toda a sua magnitude. Consideramos possível problematizar, como objeto de análise social, o espaço laboral de um dos pesquisadores, embora entendamos que, em alguma medida, a subjetividade possa interferir no processo educativo. Por considerarmos a importância da subjetividade e dos significados das ações humanas é que esta pesquisa se centrou principalmente no método qualitativo em seu desenvolvimento, entretanto a utilização do método quantitativo não foi descartada.

*...se a relação entre quantitativo e qualitativo, entre objetividade e subjetividade não se reduz a um continuum, ela não pode ser pensada como oposição contraditória. Pelo contrário, é de se desejar que as relações sociais possam ser analisadas em seus aspectos mais “ecológicos” e “concretos” e aprofundadas em seus significados mais essenciais. Assim, o estudo quantitativo pode gerar questões para serem aprofundadas qualitativamente, e vice-versa. (MINAYO and SANCHES, 1993, p. 247)*

Ambas as abordagens desenvolvem uma relação de complementariedade. O estudo qualitativo pode apresentar questões relevantes que necessitem de aprofundamento pelo quantitativo, e o mesmo ocorre no caso contrário. A completividade dos métodos acarreta ganhos significativos à pesquisa, pois a mutualidade pode funcionar tanto como mecanismo amplificador de discussões como instrumento potencializador das descobertas científicas (DIONÍSIO; QUEIROZ, 2019).

### **Campo da pesquisa**

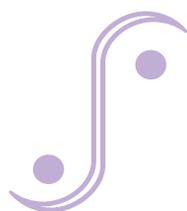
A pesquisa foi empreendida em uma escola básica do Rio de Janeiro, inserida em um dos maiores complexos de favelas da cidade- Complexo da Pedreira- no bairro Pavuna. A área possui alto índice de violência, miserabilidade e criminalidade, sendo escassamente assistida pelo poder público. Levando em consideração a realidade descrita, optamos por empreender um estudo de caso, tendo presente que essa metodologia consiste na abordagem de uma questão social por meio de uma visão aprofundada das estruturas, relações, atores, funções e imaginários vigentes numa dada realidade empírica.

Ao analisarmos superficialmente o contexto onde a unidade escolar está inserida, poderíamos supor que os fatos apresentados acima seriam suficientes para explicar o desenvolvimento de doenças emocionais e psíquicas. Contudo, através da atividade laborativa de um dos pesquisadores, pudemos observar mais cuidadosamente o relato de professoras e funcionárias, e as constantes queixas quanto ao tratamento dispensado a elas pela gestão da escola. Através de uma apreciação mais detalhista, expandida por meio desta pesquisa, observamos que o desenvolvimento de comorbidades psíquicas eram mais comuns entre as mulheres da escola, enquanto que para os homens, não havia relatos. A pressão e cobrança que recebiam no ambiente de trabalho foi apontada por muitas delas como o fator desencadeador dos problemas emocionais.

Em razão de outra possibilidade, que não a violência do entorno, como justificativa para o alto índice de distúrbios psíquicos entre funcionárias do gênero feminino na escola é que consideramos mais adequada, *a priori*, a coleta de dados através do instrumento metodológico descrito no subtítulo ‘Instrumentos da Pesquisa’.

### **Sujeitos da Pesquisa**

De um conjunto de 14 funcionários/as, 16 professores/as- incluindo equipe de direção, e 357 alunos/as, buscou-se selecionar sujeitos de todos os segmentos e de ambos os gêneros, por



considerarmos que o tema deste trabalho tenha interferência direta na vivência de todos/as os/as que estão compreendidos/as no contexto da Unidade Escolar. Buscamos identificar através de rodas de conversa, análise documental, observação em campo e entrevistas semiestruturadas, de que modo às questões de gênero interferem nos índices de cuidado e no gerenciamento de stress, além de tentar compreender como estão estabelecidas as relações de gênero no cotidiano da escola. Foram usados nomes de cidades como codinomes para os funcionários e professores da escola, no intuito do resguardo de suas identidades.

Tabela 1. Caracterização dos participantes

Sujeitos da Pesquisa	Sexo Biológico	Idade	Formação	Função	Anos de trabalho/ estudo na escola
Tóquio	Feminino	50	Nível Superior	Professora	6 anos
Nairóbi	Feminino	38	Nível Superior	Professora	6 anos
Rio de Janeiro	Masculino	38	Ensino Médio	Funcionário	6 anos e 6 meses
Moscou	Masculino	60	Nível Superior	Professor	29 anos
Denver <sup>1</sup>	Masculino	39	Nível superior + Pós- graduação	Coordenador Pedagógico	3 anos e meio
Londres <sup>2</sup>	Masculino	29	Nível superior + Pós- graduação	Diretor Geral	2 anos
Helsinque	Masculino	42	Nível superior + Pós- graduação	Professor	2 anos
Paris	Feminino	44	Ensino Fundamental	Funcionária	5 anos
Lisboa	Feminino	13	Ensino Fundamental em curso	Aluna	3 anos
Barcelona	Masculino	14	Ensino Fundamental em curso	Aluno	3 anos

1 Membro da equipe de direção da escola.

2 Membro da equipe de direção da escola.

Como observado no quadro, procurou-se um equilíbrio mínimo entre o quantitativo de homens e mulheres participantes da pesquisa, exceto quanto à equipe de direção, por ser exclusivamente formada por homens. Deste modo foi possível identificar os impactos das questões de gênero, saúde e da forma de gestão, sobre ambos os sexos. Cabe ressaltar que no início do ano de 2018, uma equipe de direção completamente feminina foi substituída por outra exclusivamente masculina, o que acarretou mudanças significativas no ambiente da escola. As equipes de direção da escola são formadas por 3 membros- diretor/a geral, diretor/a adjunto/a e coordenador/a pedagógico/a. Em 2019, uma nova alteração ocorreu na equipe de gestores. O cargo de direção adjunta foi ocupado por uma mulher. Uma professora externa, amiga do diretor geral. Esta configuração trouxe novas mudanças e perspectivas na escola, que serão melhor especificadas abaixo.

### Instrumentos da Pesquisa

O instrumento metodológico utilizado para coleta e análise foi a triangulação de dados. Este consiste em uma divisão de interesses em três etapas (TRIVIÑOS, 1987 apud NEVES, 2014, p. 58):

1. Processos e Produtos centrados no sujeito- Ideias, percepções e comportamentos dos sujeitos de pesquisa e demais percepções registradas pelo pesquisador através de entrevistas, pesquisas, pesquisas, questionários, análise documental e observações em campo.
2. Elementos produzidos pelo meio do sujeito e que têm incumbência em seu desempenho na comunidade- documentos oficiais, estatísticos e fotográficos que regulam o comportamento dos sujeitos dentro de instituições, organizações e em grupos determinados.
3. Processos e produtos originados pela estrutura socioeconômica e cultural do macro-organismo social no qual está inserido o sujeito- termos de atuação dos sujeitos sobre as estruturas que permeiam a vida em sociedade (MINAYO, 2010 apud MARCONDES; BRISOLA, 2014, p. 203-204).

A triangulação de dados permite a utilização de três técnicas para coleta que possibilitam ao pesquisador ampliar o universo informacional que circunda seu objeto de pesquisa, através da combinação de múltiplos pontos de vista tanto no método quantitativo quanto no qualitativo (MINAYO, 2010 apud MARCONDES; BRISOLA, 2014, p. 203). Em vista do exposto, pretendemos reunir informações a partir de oficinas pedagógicas, de entrevistas semiestruturadas, da leitura do livro de ocorrências da unidade escolar, além do embasamento teórico que trará suporte a todo o trabalho. Ademais, foram realizadas observações do cotidiano escolar, com registro em diário de campo. Essa pluralidade de referências permitiu uma análise profícua das relações entre gênero e saúde emocional no colégio, face aos objetivos da pesquisa.

## Oficinas Pedagógicas

A participação dos sujeitos da pesquisa foi iniciada através de oficinas pedagógicas. Nosso intuito era identificar as vivências pessoais dos participantes com questões de gênero para a partir delas, abrir campo para pensar as interações sociais no âmbito da escola, e por último, refletir sobre o potencial atribuído a esta enquanto mecanismo capaz de dirimir as desigualdades de gênero e provocar mudanças no tecido social. Através desta estratégia metodológica, foi possível identificar uma enorme confusão de designações sobre o conceito de gênero e sua influência na vida das pessoas como um todo. Percebemos que no imaginário dos participantes, a questão se resumia ao quadro homossexual. Foram reproduzidos alguns vídeos durante os encontros, que explicavam o conceito. Após as exposições, era iniciado um debate com o grupo. No primeiro encontro, o professor Moscou afirmou que não sabia que gênero se tratava dos papéis sociais instituídos para homens e mulheres. Que configurado dessa forma, acreditava ser a discussão pertinente. Anteriormente, este mesmo professor havia demonstrado certa resistência em participar da pesquisa. Ao ser convidado, expressou que participaria em consideração à pesquisadora que trabalhava na escola, mas que não concordava com a temática. Neste momento, lhe foi perguntado o que acreditava ser gênero e ele respondeu que era “a questão homossexual”, e não achava certo que o assunto fosse tratado na escola.

Foi bastante desafiador tratar da definição correta do conceito de gênero, ao longo dos encontros. Principalmente os homens do grupo, tinham grande dificuldade em compreender a questão. As definições que permeiam o imaginário popular, amplamente difundidas pela mídia, criaram obstáculos significativos ao processo.

## Análise e registro em diário de campo

Estivemos muito atentos às relações interpessoais no ambiente da escola. Pudemos notar que os funcionários/as e professores/as eram bastante unidos. Como um dos pesquisadores fazia parte do quadro de funcionários/as da escola, tivemos acesso à informações privilegiadas que um/a pesquisador/a de fora não teria. As pessoas não se intimidavam com nossa presença ao falarem aberta e livremente sobre suas insatisfações e queixas.

Inúmeras comparações foram feitas entre as duas equipes de direção- a feminina e a masculina. Professores/as e funcionários/as afirmavam terem passado por maus momentos com a antiga direção. Situações de assédio moral, gritos, xingamentos e até empurrões foram relatadas. Expuseram que as mulheres da escola eram mais perseguidas, enquanto que os homens eram protegidos. Abertamente, os homens justificavam o resguardo, com a seguinte frase: “nós temos o que elas não têm” - fazendo referência ao órgão sexual masculino, e ao fato da equipe de direção da escola até então, ser exclusivamente feminina. Num geral, tanto homens, quanto mulheres gostavam da direção que sucedeu a referida acima. Ressaltando que esta última era composta por homens. Os/as funcionários/as e professores/as narraram algumas falhas de gestão na equipe masculina que foram justificadas logo após, como inexperiência, pois se tratava da

primeira vez que esta assumia função de chefia. De acordo com os relatos, havia uma intensa cobrança sobre vários/as funcionários/as e professores/as da escola, por parte da equipe feminina. Eles/as ressaltaram ser este um fator decisivo no processo de adoecimento físico e emocional da equipe escolar.

No início deste ano, com a saída do diretor adjunto da equipe, houve grande tensão, quanto à vinda de uma mulher para a equipe. As mulheres principalmente, receavam que uma presença feminina na equipe de direção pudesse gerar novas perseguições à elas. Quando questionamos o porquê deste temor, algumas foram enfáticas ao dizer: “mulheres disputam”. O diretor geral afirmou que a referida era “feminista e de esquerda”, e por esta razão acreditava que situação semelhante não voltaria a ocorrer. Por fim, a sugestão foi acatada e a nova diretora adjunta assumiu o cargo. Até o momento, a nova integrante da equipe está sendo intensamente elogiada por todos/as. Palavras com “equilibrada”, “humana”, “calma” são utilizadas para designá-la.

### **Coleta Documental**

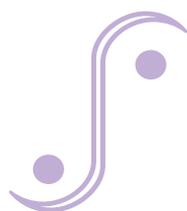
Foram coletados dados documentais que regulam o funcionamento do campo e estabelecem parâmetros para as relações interpessoais. Realizamos um levantamento no registro de ponto dos funcionários dos anos de 2017 e 2018, último ano da gestão das mulheres e primeiro da direção masculina, na busca de identificar correlações com os depoimentos. Observou-se uma queda no quantitativo de licenças médicas para tratamento psiquiátrico e psicológico que fossem superiores a 1 semana. No ano de 2017, as licenciadas nestas mesmas condições eram exclusivamente mulheres, não havendo nenhum caso masculino. No ano de 2018 nenhum funcionário/a ou professor/a deu entrada com processo de licença para tratamento de tais morbidades.

### **Entrevistas Semiestruturadas**

Esta foi a última etapa de coleta de dados. Todos/as os/as participantes da pesquisa foram entrevistados individualmente, exceto Nairóbi e Tóquio que permaneceram durante a entrevista uma da outra. O roteiro de entrevista foi dividido em quatro blocos:

1. Bloco A- Pessoal (idade, escolaridade e etc.);
2. Bloco B- Saúde;
3. Bloco C- Gênero;
4. Bloco D- Gênero e escola.

Os participantes possuíam diferentes idades, escolaridades e vivências. Dos 10 entrevistados, 7 já haviam sido acometidos por morbidades psíquicas. 6 desses 7 haviam sido diagnosticados por médicos especializados. Todos/as os/as participantes possuíam pessoas próximas que já haviam



desenvolvido problemas emocionais, bem como, todos/as acreditavam que o conceito de saúde abarcava tanto a questão biológica, quanto a emocional. Respostas confusas foram dadas, ao serem questionados/as sobre o que entendiam por gênero, e alguns/mas não souberam definir o que seria violência de gênero. Observamos grande dificuldade na compreensão de como questões de gênero poderiam influir sobre suas vidas. Quando questionados/as, vários/as afirmaram que não acreditavam sofrer esta influência, e constantemente narravam histórias de amigos/as e parentes homossexuais que haviam sofrido violência. Todos/as relataram que não viam promoção de ações na escola que fomentasse à equidade de gênero no ambiente escolar. Afirmaram que o assunto deveria ser tratado nas escolas, não como algo pontual, mas como temática da rede ensino do Rio de Janeiro, devido a importância do tema. Nas entrevistas com os membros de direção, foi ressaltada a falta de conhecimento na área como um mecanismo que dificulta a promoção de ações sobre o assunto no âmbito da escola. Tanto o coordenador pedagógico, quanto o diretor geral afirmaram que a sobrecarga de demandas da escola somava ao processo de paralisação na promoção de ações que impulsionassem a reflexão e o debate sobre o tema.

## Resultados

Considerando o exposto, a princípio atentamo-nos à possibilidade de identificar, as possíveis interferências de gênero no âmbito da escola. Esta influência foi percebida através dos dados coletados, que ajudaram a descrever as relações interpessoais e o comportamento das equipes de direção com relação a homens e mulheres.

A cobrança, tão relatada em torno das mulheres da escola, pode ser justificada através de processos como o da ideologia naturalista, citada anteriormente. O reconhecimento da atividade masculina em detrimento da feminina estaria justificado através de processos de alteridade e poder simbólico. A exaltação das funções masculinas nos cargos de chefia, nos conduzem a refletir sobre o papel social atribuído aos homens: o de protetor, de provedor, de liderança. Diante dessa realidade conjecturamos que, construções culturais/sociais de gênero- papéis estabelecidos socialmente para homens e mulheres- e o poder simbólico que cerceia tais relações, estariam por influenciar diretamente o comportamento desta e nesta comunidade escolar.

Com relação às mulheres da antiga gestão, podemos refletir sobre os processos de condicionamento históricos, que fazem com que as mesmas não se enxerguem enquanto classe, e por conseguinte, lutem por melhorias nas condições de trabalho e vida como um todo. Elas passam a se identificar com seus opressores através de laços invisíveis que não podem ser comparados à quaisquer outros (BEAUVOIR, 1960a). Foram condicionadas a não se identificarem enquanto grupo por uma estrutura social coercitiva, uma cultura hegemônica. Foram ensinadas à assumirem posturas opressoras e de rechaço com relação às outras, o que acaba por garantir que a estrutura de domínio e poder sobre elas se solidifique. Neste sentido, em quaisquer posições hierárquicas que as mulheres ocupem, há uma forte incidência das questões de gênero. Como pontuado através dos dados coletados, a ingerência deste papel social atribuído, produz efeitos significativos sobre a saúde, contribuindo com o processo de adoecimento feminino no campo da educação.

## Conclusões

Gênero está diretamente relacionado à estrutura social e à relações hegemônicas que se perpetuam através de mecanismos socializadores, dentre os quais encontra-se a escola. Ao pensarmos sobre os diversos âmbitos da vida abrangidos pelo conceito de saúde, não podemos ignorar o aspecto social, no qual gênero incide diretamente. Pensar em relações sociais de sexo é refletir como as interações entre homens e mulheres se estabelecem, e suas possíveis consequências sobre a saúde dos sujeitos. Autores diversos discorrem sobre a construção de papéis sociais destinados a homens e mulheres e sua implicação no processo de adoecimento físico e emocional destes/as. No que se refere aos/às participantes da pesquisa, é perceptível esta imbricação, o que nos leva a refletir sobre as potencialidades do campo escolar como fomentador de reflexões sobre a realidade e as desigualdades que estão dadas através da estrutura social.

Não buscamos com isto, determinar que na escola, esteja a solução de todos os entraves sociais estabelecidos. Reconhecemos as incontáveis adversidades enfrentadas pela comunidade escolar cotidianamente. Contudo, evocamos a capacidade libertária da educação e suas potencialidades como criadora de espaços de reflexão sobre as estruturas e os processos sociais, dados como indissolúveis. Ao invés de ser mais uma agência de reprodução social, a escola poderia e deveria assumir um papel democrático e emancipatório, de modo a estimular relações de gênero mais equânimes e plurais, que consequentemente, contribuirão com a promoção de saúde em seus mais diversos âmbitos.

## Referências

- Althusser, L. (1985). *Aparelhos Ideológicos do Estado: notas sobre os aparelhos ideológicos do estado (AIE)*/ Louis Althusser; tradução de Walter José Evangelista e Maria Laura Viveiros de Castro: introdução crítica de José Augusto Guilhon Albuquerque. – 2ª edição. Edições Graal.
- Almeida Filho, N. de (2000). *A ciência da saúde*. Hucitec.
- Almeida Filho, N. de (2011). *O que é saúde*. Fiocruz.
- Beauvoir, S. (1960 a) *O segundo sexo: fatos e mitos*. Difusão Europeia do Livro.
- \_\_\_\_\_(1960 b). *O segundo sexo: a experiência vivida*. Difusão Europeia do Livro.
- Bourdieu, P. (2017) *A dominação masculina*/ Pierre Bourdieu; tradução Maria Helena Kühner. – 5ª ed. – Best Bolso.
- Bourdieu, P. (2011). *O poder simbólico*. Bertrand Brasil.
- Canguilhem, G. (2009). *O Normal e o Patológico*. Forense Universitária.
- Dionísio, J. S.; Queiroz, P. P. de (2019). *Saúde Emocional: Gênero e Gestão Escolar na Escola Básica*. Atas CIAIQ2019 [online]. V. 1. Disponível em < <https://proceedings.ciaiq.org/index.php/CIAIQ2019/article/view/2079>>. Acesso em 09-11-2019.
- Durkheim, É. (2007). *Educação e Sociologia*. Edições 70.
- Giroux, H. (1986). *Teoria Crítica e Resistência em Educação. Para além das teorias de reprodução*. Tradução de Ângela Maria B. Biaggio. Vozes.

- \_\_\_\_\_(1988). Escola crítica e política cultural. Cortez.
- Kergoat, D. (2009). As Relações Sociais de Sexo. In: Divisão Sexual do Trabalho e Relações Sociais de Sexo (trad. Miriam Nobre). In: Hirata, H.; Laborie, F.; Le Doaré, H.; Senotier, D. (orgs.). Dicionário Crítico do Feminismo. Ed. Unesp (pp.67-75).
- Louro, G. L. Gênero e sexualidade: pedagogias contemporâneas. Pro-Posições [online]. 2008, v.19, n.2, p.17-23. ISSN 1980-6248. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pp/v19n2/a03v19n2.pdf>>. Acesso em 28-06-2018.
- Marcondes, N. A. V. & BRISOLA, E. M. A. (2014). Análise por Triangulação de Métodos: Um Referencial para Pesquisas Qualitativas. Revista Univap.
- Minayo, M. C. de S. (org.)(1993). Pesquisa social: teoria, método e criatividade. Vozes.
- Minayo, M. C. De S. & SANCHES, O. (1993). *Quantitative and Qualitative Methods: Opposition or Complementarity?* Cad. Saúde Públ. 1993 (pp. 239-262).
- Neves, F. H. G. (2014). Conhecimento, Escola e Cultura/s: Ensino de Sociologia e Educação Intercultural. Dissertação (Mestrado em Educação)- Departamento de Educação, Pontífica Universidade Católica do Rio de Janeiro.
- Queiroz, Paulo Pires de (2018). Pensando a inclusão no processo de escolarização de alunos com deficiência. In: QUEIROZ, Paulo Pires de (org.). Ensino, Saúde e Inclusão: Olhares e Reflexões. Autografia.
- Scliar, M. (2007). História do conceito de saúde. *Physis* [online]. Vol.17, n.1(pp.29-41). ISSN 0103-7331. <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-73312007000100003>.
- Triviños, A. (1987). Introdução à Pesquisa em Ciências Sociais: a pesquisa qualitativa em educação. Atlas.